



Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp),
Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Programa de Pós-
Graduação em Geografia UNESP - Campus de Rio Claro

doi.org/10.5016/geografia.v51i1.19516

ISSN 1983-8700 | E-19516

Convivência com o Semiárido e tecnologias sociais agroecológicas em comunidades rurais da Serra de Santana/RN

Maria Flávia Dantas da Cruz¹, Leandro Vieira Cavalcante², Anelisse da Silva Pinheiro³,
Emily Kadidja de Medeiros⁴

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó,
Rio Grande do Norte, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1012-3122>

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó,
Rio Grande do Norte, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3970-6655>

³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó,
Rio Grande do Norte, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9391-931X>

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó,
Rio Grande do Norte, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4613-7719>

E-mail correspondente: leandro.cavalcante@ufrn.br

Destaques:

- A convivência com o Semiárido está pautada na disseminação de tecnologias sociais.
- As tecnologias sociais agroecológicas contribuem com a promoção da convivência com o Semiárido.
- O trabalho feminino é fundamental na propagação de práticas agroecológicas através das tecnologias sociais.
- As tecnologias sociais contribuem com a melhoria das condições de vida das mulheres camponesas.

Resumo: A convivência com o Semiárido é um paradigma pautado na necessidade de ações integradas que contribuam para a melhoria da qualidade de vida da população rural. Nesse aspecto, as tecnologias sociais emergem como instrumentos que fortalecem a produtividade camponesa por meio da associação com a agroecologia. Na Serra de Santana, no Rio Grande do Norte, evidencia-se uma disseminação de tecnologias sociais agroecológicas pautadas no manejo feminino para a produção de alimentos. Nesse aspecto, objetiva-se evidenciar a contribuição das tecnologias sociais agroecológicas para o fortalecimento da convivência com o Semiárido, a partir de processos observados na Serra de Santana. Para tal, a metodologia contou com pesquisa bibliográfica, trabalhos de campo e realização de rodas de conversa e entrevistas com mulheres camponesas. Os resultados apontam que as tecnologias sociais agroecológicas instaladas na Serra de Santana, como biodigestor, bioágua e canteiro econômico, fortalecem aspectos centrais da convivência com o Semiárido, a exemplo da propagação da agroecologia, do uso sustentável dos recursos naturais e da promoção do trabalho das mulheres.

Palavras-chave: Agroecologia, Mulheres Camponesas, Canteiros, Bioágua, Biodigestor.

Como citar este artigo:

CRUZ, Maria Flávia Dantas da; PINHEIRO, Anelisse da Silva; MEDEIROS, Emily Kadidja de; CAVALCANTE, Leandro Vieira. Convivência com o Semiárido e tecnologias sociais agroecológicas em comunidades rurais da Serra de Santana/RN. **Geografia (Rio Claro. Online)**, Rio Claro-SP, v. 51, e-19516, 2026. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/19516>. DOI: doi.org/10.5016/geografia.v51i1.19516.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC - Creative Commons Attribution 4.0, que permite o uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Coexistence with the semi-arid and agroecological social technologies in rural communities of Serra de Santana/Brazil

Abstract: Coexistence with the semi-arid is a paradigm based on the need for integrated actions that contribute to improving the quality of life for rural populations. In this context, social technologies emerge as tools that strengthen peasant productivity through their association with agroecology. In Serra de Santana, in the state of Rio Grande do Norte, Brazil, there is clear evidence of the spread of agroecological social technologies driven by women's management of food production. This study aims to highlight the contribution of agroecological social technologies to strengthening coexistence with the semi-arid, based on processes observed in Serra de Santana. The methodology included bibliographic research, fieldwork, and interviews with rural women. The results show that the agroecological social technologies implemented in Serra de Santana, such as biodigesters, bio-water systems, and low-cost garden beds, enhance key aspects of living with the semi-arid, including the spread of agroecology practices, the sustainable use of natural resources, and the promotion of women's work.

Keywords: Agroecology, Peasant Women, Garden Beds, Bio-Water System, Biodigester.

Convivencia con el semiárido y tecnologías sociales agroecológicas en comunidades rurales de la Serra de Santana/Brasil

Resumen: La convivencia con el Semiárido es un paradigma basado en la necesidad de acciones integradas que contribuyan a la mejora de la calidad de vida de la población rural. En este sentido, las tecnologías sociales emergen como instrumentos que fortalecen la productividad campesina mediante su asociación con la agroecología. En la Sierra de Santana, en el estado de Rio Grande do Norte - Brasil, se evidencia una difusión de tecnologías sociales agroecológicas centradas en el manejo femenino para la producción de alimentos. Así, se busca evidenciar la contribución de las tecnologías sociales agroecológicas al fortalecimiento de la convivencia con el Semiárido, a partir de los procesos observados en la Sierra de Santana. Para ello, la metodología incluyó investigación bibliográfica, trabajo de campo y la realización de círculos de diálogo y entrevistas con mujeres campesinas. Los resultados indican que las tecnologías sociales agroecológicas instaladas en la Sierra de Santana, como el biodigestor, el bioagua y el cantero económico, fortalecen aspectos centrales de la convivencia con el Semiárido, como la difusión de la agroecología, el uso sostenible de los recursos naturales y la promoción del trabajo de las mujeres.

Palabras clave: Agroecología, Mujeres Campesinas, Canteros, Bioagua, Biodigestor.

INTRODUÇÃO

A convivência com o Semiárido expressa a necessidade de ações integradas que levem em consideração as condições edafoclimáticas dessa região. Nesse aspecto, as propostas devem estar embasadas em um conjunto de valores e proposições que contribuam com a conservação da natureza, o uso sustentável dos recursos naturais e a quebra do monopólio historicamente construído no tocante ao acesso à terra, à água e aos meios de produção (ASA, 2001; Silva,

2003), assim como a diversificação de métodos e técnicas que contribuam nos aspectos supracitados da convivência, como as tecnologias sociais.

Cabe ressaltar que a convivência com o Semiárido emerge enquanto paradigma político, social e cultural a partir do segundo quartel do século XX, em oposição ao paradigma do combate à seca, que estava pautado mormente na construção de obras hídricas ancorada em práticas clientelistas e paliativas (Silva, 2003, 2022). A convivência com o Semiárido resulta de uma articulação de movimentos sociais, organizações da sociedade civil, entidades religiosas, instituições de ensino e pesquisa, dentre outros, que defendem ser possível viver bem e com dignidade na região, com garantias de políticas públicas responsáveis pela difusão de tecnologias sociais hídricas, ambientais e produtivas que possibilitam democratizar o acesso à água e dinamizar as práticas produtivas.

Portanto, as tecnologias sociais que passaram a ser disseminadas no Semiárido a partir dos anos 2000, em particular com o advento do Programa de Cisternas – com o Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), em 2003, seguido pelo Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), em 2007 –, têm promovido significativas melhorias nas condições de vida das famílias camponesas da região, que passaram a contar com cisternas de placas, cisternas-calçadão, cisternas enxurrada, barragens subterrâneas, bioáguas, dessalinizadores, casas de sementes, biodigestores, canteiros econômicos, dentre outras, distribuídas pelas organizações sociais e órgãos públicos que operam as políticas públicas.

Henig, Santos e Mendes (2019) compreendem as tecnologias sociais como alternativas ao desenvolvimento advindas do saber tradicional camponês, que oferecem resultados precisos a baixo custo a partir das demandas dos sujeitos e territórios. No contexto do Semiárido, Ventura, Fernandez e Andrade (2013) entendem as tecnologias sociais como um conjunto de práticas e técnicas desenvolvidas pela população da região para viver bem e conviver com as condições climáticas do ambiente no qual se encontra inserida. Nesse sentido, as tecnologias sociais devem estar comprometidas com a transformação social de comunidades rurais, proporcionando melhorias nas condições de vida da população local, garantindo a sustentabilidade socioambiental, a troca de saberes e a participação social dos envolvidos, de modo a fortalecer a produtividade e a reprodução camponesa (Silva, 2006; Henig, Santos e Mendes, 2019).

Nessa premissa, as tecnologias sociais que objetivam o fortalecimento da produtividade camponesa podem estar associadas a processos e sistemas integrados que tencionam a transição agroecológica¹. As tecnologias sociais com esse objetivo estão diretamente associadas com a agroecologia, possibilitando que a família camponesa produza alimentos saudáveis, sem a utilização de insumos químicos, gerando maior sustentabilidade em todo o processo de produção (Henig, Santos, Mendes, 2019). Desse modo, as tecnologias sociais agroecológicas tornam-se importantes ferramentas para o fortalecimento da convivência com o Semiárido, uma vez que elas promovem a resistência da terra e da plantação por meio de práticas corretas de utilização do solo, proporcionando acesso à água e gerando maior soberania alimentar nas comunidades rurais (Henig, 2020).

A adoção de tecnologias sociais agroecológicas é uma realidade em comunidades rurais da Serra de Santana, no Semiárido Potiguar. Geridas por mulheres camponesas a partir do trabalho coletivo em grupos de mulheres, as tecnologias sociais agroecológicas são instaladas através de projetos sociais de organizações da sociedade civil, como a Cáritas Diocesana de Caicó². A partir de um trabalho de assistência e acompanhamento técnico, as mulheres camponesas são organizadas em núcleos coletivos e posteriormente tornam-se receptoras de tecnologias de uso individual e/ou coletivo, como canteiros econômicos, biodigestores e bioáguas. A efetivação das inovações permite que as mulheres potencializem aspectos da convivência com o Semiárido a partir das suas atuações nas tecnologias sociais, de modo a fomentar a transição agroecológica.

Diante do exposto, o presente trabalho tem por objetivo principal evidenciar a contribuição das tecnologias sociais agroecológicas no fortalecimento da convivência com o Semiárido nas comunidades rurais da Serra de Santana, no Rio Grande do Norte. Nesse sentido, a realização da pesquisa³

¹ A transição agroecológica é construída de forma gradual com mudanças quantitativas e/ou em saltos com mudanças de qualidade, tendo como princípio a observação e o respeito às peculiaridades dos distintos biomas, dos territórios, das unidades familiares, das atividades produtivas manejadas e dos sujeitos envolvidos (Gaia, Alves, 2021).

² A Cáritas Diocesana de Caicó é uma entidade de promoção e atuação social da Diocese de Caicó, constituída em 1950, que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário, na busca pela construção de uma sociedade mais justa, igualitária e plural (Cáritas Diocesana de Caicó, 2025).

³ A pesquisa em questão é resultado de um projeto de extensão do Grupo de Pesquisa e Extensão Territórios do Semiárido (SEMIAR), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN),

justifica-se pelas potencialidades das tecnologias sociais implementadas nas comunidades da Serra de Santana no sentido de fortalecer o paradigma de convivência com o Semiárido, a partir do manejo agroecológico e do trabalho das mulheres.

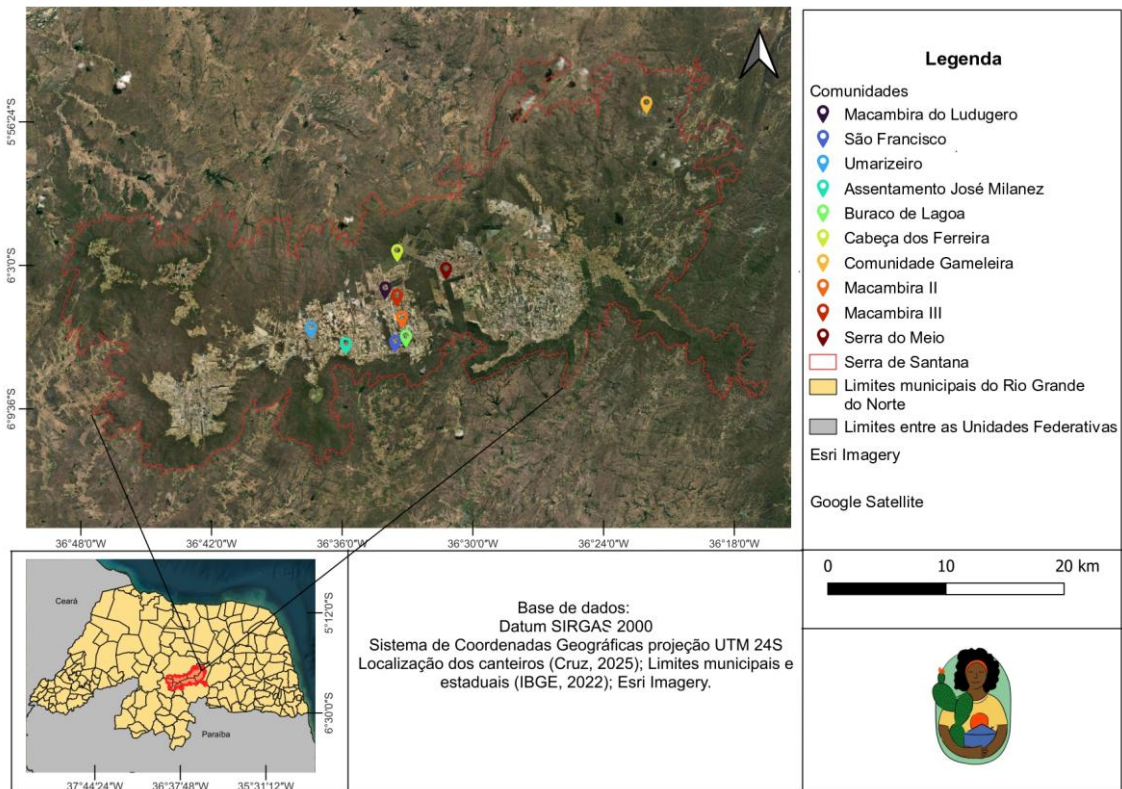
METODOLOGIA

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica referente às temáticas abordadas, bem como de experiências compartilhadas por meio de trabalhos de campo, que propiciaram a troca de saberes sobre a contribuição das tecnologias sociais agroecológicas para o fortalecimento da convivência com o Semiárido em comunidades rurais da Serra de Santana. Nesse aspecto, a natureza do trabalho, assim como os instrumentos metodológicos para sua realização, enquadra-se enquanto uma pesquisa social, com abordagem qualitativa, contendo algumas etapas, a saber: levantamento bibliográfico e revisão de literatura; realização de trabalhos de campo nas comunidades rurais; sistematização e análise dos dados obtidos.

A etapa de realização dos trabalhos de campo, em especial, ocorreu entre os meses de agosto e setembro de 2024, nos municípios de Bodó e Lagoa Nova, na Serra de Santana. Minayo (2010) assegura que os trabalhos de campo permitem a aproximação dos pesquisadores a uma determinada realidade social na qual se formulou um questionamento, bem como com os sujeitos que performam a realidade estudada, construindo um conhecimento importante no âmbito da pesquisa social. Nessa premissa, foram realizadas visitas em 10 comunidades rurais dos municípios supracitados, conforme exibido na Figura 1, que possuem núcleos coletivos de mulheres camponesas que são gestoras de tecnologias sociais de convivência com o Semiárido.

com grupos de mulheres camponesas e quilombolas da Serra de Santana, que teve início no ano de 2023 e segue realizando ações nos territórios com os sujeitos envolvidos até a presente data.

Figura 1 - Mapa de localização das comunidades rurais visitadas nos municípios de Lagoa Nova e Bodó, no Rio Grande do Norte



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Os grupos de mulheres da Serra de Santana começaram a ser implementados a partir de 2016, por meio da assessoria promovida pela Cáritas Diocesana de Caicó. Compostos por mulheres camponesas, os núcleos coletivos organizam-se sob a influência de três dimensões da convivência com o Semiárido, a saber: i) o uso de tecnologias sociais agroecológicas; ii) a adoção de práticas de manejo assentadas na transição agroecológica; iii) a difusão da economia solidária para viabilizar a comercialização dos produtos cultivados. Junto à Cáritas Diocesana de Caicó, as camponesas dos grupos participam de feiras e intercâmbios promovidos pela entidade, como também são instigadas a promover as dimensões da convivência com o Semiárido por meio de fazeres e saberes nas práticas individuais e coletivas realizadas nos cultivos e no uso das tecnologias.

Na ocasião das visitas *in-loco* com os grupos de mulheres, identificados no Quadro 1, foram realizadas rodas de conversa e entrevistas semiestruturadas para apreensão do objetivo da pesquisa. Moura e Lima (2014) evidenciam que a roda de conversa é um instrumento capaz de produzir dados através da participação dos sujeitos a partir do diálogo acerca de um propósito central. As rodas de

conversa, conforme apresentado por Mélo *et al.* (2007), priorizam as discussões em torno de uma temática, possibilitando maior intercâmbio de informações e fluidez de discursos entre os diferentes sujeitos na construção da pesquisa. Nesse cenário, as rodas de conversa realizadas com os 10 núcleos coletivos de camponesas propiciaram a socialização dos saberes sobre as tecnologias sociais implementadas pela Cáritas Diocesana de Caicó e as suas distintas contribuições no trabalho desempenhado pelas mulheres.

Quadro 1 - Sistematização das informações acerca dos grupos de mulheres da Serra de Santana/RN assessorados pela Cáritas Diocesana de Caicó (2024)

Nome do grupo	Município	Comunidade	Quantidade de componentes	Ano de criação do grupo
Flores de Macambira	Lagoa Nova	Comunidade Quilombola Macambira	23	2021
Flores do Campo	Bodó	Comunidade Quilombola Macambira	18	2021
Florescer da Serra	Lagoa Nova	São Francisco	14	2019
Flores de Xique-Xique	Bodó	Comunidade Quilombola Gameleira	11	2022
Mulheres Renovadas	Bodó	Comunidade Quilombola Macambira	24	2016
Mulheres Criativas	Lagoa Nova	Buraco de Lagoa	12	2023
Mulheres Vitoriosas	Lagoa Nova	Assentamento José Milanez	22	2021
Mulheres de Maria	Lagoa Nova	Comunidade Quilombola Macambira	29	2022
Mãe Maria	Bodó	Serra do Meio	9	2021
Sabores e Delícias do Umarizeiro	Lagoa Nova	Umarizeiro	7	2016

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de trabalhos de campo realizados nas comunidades rurais, mediante rodas de conversa e entrevistas nos grupos de mulheres (2024).

Após as rodas de conversa, foram selecionadas de duas a três mulheres de cada um dos grupos para a realização de entrevistas semiestruturadas, quando as questões foram aprofundadas já que esse instrumento metodológico possibilita

que os sujeitos envolvidos no processo investigativo possam discorrer com maior profundidade sobre o tema posto em questão (Minayo, 2010). Por fim, para sistematizar os dados obtidos, utilizamos a metodologia analítica de Moura e Lima (2014), por meio da transcrição das falas das camponesas, da organização em categorias e da interpretação das informações obtidas por meio de uma análise interpretativa-crítica.

CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO E TECNOLOGIAS SOCIAIS AGROECOLÓGICAS

O Semiárido brasileiro é entendido enquanto um território onde a natureza não se isola da ação humana presente na região, considerando assim suas dimensões materiais e imateriais (Gomes, 2018). Nesse sentido, a apropriação dos recursos do território semiárido abrange os “saberes e fazeres desenvolvidos na interação com o espaço vivido, experienciado, caracterizando também aquilo que o difere dos demais” (Gomes, 2018, p. 52). Nesse aspecto, o paradigma da convivência com o Semiárido emerge a partir dos anos 1990, inicialmente manifestando a busca por uma mudança na percepção da complexidade territorial da região (Conti; Pontel, 2013).

Na convivência, a apropriação social do Semiárido passa pela ressignificação do próprio termo, relacionando-o com uma mudança de “compreensão e atuação que parte da necessidade interna da região em reconhecer-se e, a partir disso, representar-se” (Gomes, 2018, p. 74). De acordo com o autor supracitado, “o Semiárido, além de sua representação geográfica de clima e vegetação, apresenta-se enquanto posição, ideia, política, luta, movimento, representação e reconhecimento” (p. 74). A convivência, portanto, possibilita eliminar as culpas atribuídas às condições naturais, ambientais e climáticas da região, enxergando o Semiárido de acordo com suas características e potencialidades próprias, como destacam Silva (2003) e Conti e Pontel (2013).

Silva (2003) afirma que para enxergar o território do Semiárido com as suas características próprias, é necessário um processo cultural e educativo sobre a construção de uma nova perspectiva sobre a natureza da região. Nesse cenário, a convivência com o Semiárido “requer a constituição de novas formas de pensar, sentir e agir de acordo com o ambiente no qual se está inserido”, envolvendo a necessidade de “uma abordagem sistêmica do semi-árido brasileiro

possibilitando a compreensão das dimensões geofísica, social, econômica, política e cultural” (Silva, 2003, p. 378). Partindo desse princípio, a convivência com o Semiárido possui algumas diretrizes, as quais são apontadas por Baptista e Campos (2013, p. 52):

[...] seu povo é cidadão; que seca não se combate; que é possível conviver com a semiaridez; que a região é viável; que uma sociedade justa se constrói baseada em equidade de gênero, tendo as mulheres como protagonistas de seus destinos; e que é essencial o desenvolvimento de um processo de educação para a convivência com o Semiárido que valorize o conhecimento construído pelo seu povo.

O sentido da convivência, transgredido pela valorização do conhecimento edificado pelo seu povo, enfatiza a necessidade de aperfeiçoar os saberes da sua população, que os produziram sob o caminhar da resistência de uma região que historicamente ficou à margem da atuação do Estado e desassistida por políticas públicas contextualizadas às suas condições edafoclimáticas (Silva e Pereira, 2020; Baptista, Pires e Barbosa, 2021). Diante disso, Conti e Schroeder (2013) ressaltam que o processo de educação baseado na lógica de convivência não deve somente perpassar por uma mudança de pensamento, mas requer um conjunto de combinações de ações alicerçadas nos âmbitos social, econômico, cultural, político e ambiental. Partindo desse contexto, Cavalcante (2024) conceitua a convivência com o Semiárido como:

[...] um conjunto de ações e relações que dialogam com a perspectiva do bem-viver na região, a partir de práticas que considerem os limites e as potencialidades do ambiente semiárido, assegurado por políticas públicas específicas, tecnologias sociais de captação e armazenamento de água, universalização do acesso à terra e à água, garantias de saúde e educação de qualidade, geração de oportunidades de emprego e renda, difusão da agroecologia e economia solidária, participação das organizações sociais e comunitárias, manejo adequado dos bens naturais, acesso à cultura e às artes, dentre outras.

A construção da convivência com o Semiárido advém da mobilização da sociedade civil direcionada à elaboração de proposições de políticas públicas a longo prazo, estruturantes e que permitissem a valorização das referências tecnológicas criadas pelo seu povo para se conviver com as condições da região (Duque, 2008). A proposta da convivência propõe o respeito à dignidade das populações rurais, que na proposição da emergência desse novo paradigma, são

chamadas “a se mobilizar para assumir de forma organizada e criativa as soluções próprias a enfrentar os desafios do semi-árido” (Duque, 2008, p. 136), tendo o seu saber tradicional e experimentos de manejo com a natureza valorizados e aprimorados a partir do saber científico, os quais são materializados na forma de tecnologias sociais, amplamente difundidas pela região.

Silva (2006) afere que o uso da concepção de tecnologias sociais vem sendo utilizado por meio da convivência com o Semiárido com a perspectiva da geração de transferência de tecnologias, sejam elas convencionais ou alternativas, no atendimento a demandas sociais. Nesse contexto, a “valorização das práticas e conhecimentos seculares podem ser pontos de partida para encontrar soluções tecnológicas apropriadas ao local, utilizando todo o cabedal de conhecimentos das ciências” (Silva, 2006, p. 188), para resolução de problemáticas locais através dos saberes dos grupos sociais, onde as inovações adaptam-se ao contexto natural e as capacidades dos territórios. Nessa premissa, o objetivo central das tecnologias sociais é:

[...] gerar formas produtivas inovadoras, com base em práticas apropriadas de manejo e uso dos recursos naturais, priorizando as tecnologias ajustadas às condições ecológicas da semiaridez, proporcionando melhorias nas condições de vida da população local e aumentando a produtividade da economia sertaneja (Silva, 2006, p. 190).

No contexto das tecnologias sociais, a agroecologia, de acordo com Henig, Santos e Mendes (2019), emerge como uma proposta que confronta a atual lógica desenvolvimentista e produtivista da agricultura capitalista, visto que privilegia os saberes tradicionais camponeses e propõe a transversalidades das ciências que buscam se debruçar sobre os estudos de processos produtivos mais sustentáveis. Nesse cenário, “um dos significados da agroecologia como ciência é a inter, multi e transdisciplinaridade, respeitando os saberes tradicionais”, garantindo “que a técnica, processos e tecnologia sejam aplicadas na mesma comunidade”, privilegiando “o caráter territorial e particular de cada povoado” (Henig Santos e Mendes, 2019, p. 10).

Silva *et al.* (2018) acrescentam que a agroecologia permite a utilização de práticas produtivas que estejam em sintonia com as condições edafoclimáticas de cada ambiente, utilizando técnicas de manejo apropriadas às capacidades dos ecossistemas locais a fim de preservá-los, ao mesmo tempo que proporciona que

camponesas e camponeses possam efetivar a produção de alimentos e a criação de animais para o consumo familiar e a inserção nos mercados locais. Diante da importância da agroecologia para o contexto do Semiárido brasileiro, algumas tecnologias sociais se associam aos seus princípios, permitindo que camponesas e camponeses produzam alimentos por meio de ações ambientalmente responsáveis que não degradam os recursos naturais e promovam a melhor convivência da população com as particularidades edafoclimáticas da região (Henig, Santos, Mendes, 2019).

Dentre essas tecnologias sociais agroecológicas, destacam-se os canteiros econômicos. Rapozo (2018, p. 203) conceitua a referida tecnologia social “como espaços construídos para o cultivo de hortaliças, plantas medicinais e condimentos em que são utilizados reduzidos volumes de águas utilizadas na irrigação”. Oliveira Filho *et al.* (2018) destacam que os canteiros econômicos, como ilustrado na Figura 2, são uma tecnologia social de baixo custo que permite que camponesas e camponeses produzam alimentos com pouca água, caracterizando-se como uma alternativa ideal para o fortalecimento da agricultura de base familiar em regiões como o Semiárido nordestino, que possui baixa disponibilidade hídrica em virtude de fatores sociohistóricos de acesso à água, como também fatores edafoclimáticos associados à seca e à escassez.

Figura 2 - Canteiro econômico implementado pela Cáritas Diocesana de Caicó em comunidades rurais da Serra de Santana/RN



Fonte: Acervo dos autores (2024).

Além dos canteiros econômicos, menciona-se o sistema de reuso de águas cinzas, conhecido como bioágua, apresentado na Figura 3. O sistema bioágua baseia-se em um processo de filtragem composto por mecanismos físicos e biológicos, conforme descrito por Santos (2013, p. 109). Nesse processo, os resíduos presentes nas águas cinzas (provenientes das pias e dos chuveiros da casa) são retidos e decompostos por microrganismos, resultando em um líquido tratado e apropriado para o uso agrícola. De acordo com Kesari *et al.* (2021), a presença de matéria orgânica e nutrientes na água reutilizada contribui para a fertilidade do solo, reduzindo a necessidade de fertilizantes químicos, elevando a produtividade agrícola e diminuindo os custos de produção.

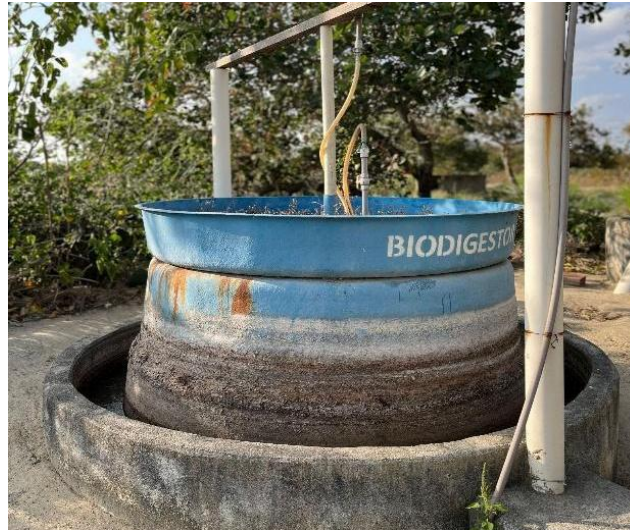
E além dos canteiros econômicos e dos bioáguas, menciona-se o biodigestor, também conhecido como biodigestor sertanejo, que é uma tecnologia social implementada no Semiárido que promove a geração do biogás e do biofertilizante. Isso ocorre a partir da utilização do esterco bovino ou suíno, que é coletado e inserido nas estruturas que compõem a tecnologia, e por meio de um processo anaeróbico que consegue gerar o biogás e o biofertilizante (Haack, Oliveira, 2016; Pereira *et al.*, 2014; Fernandes, Santos, Saraiva, 2023). O biodigestor sertanejo é uma estrutura simples, de baixo custo para replicação, composta por um tanque, uma caixa de entrada, uma caixa de fermentação e uma caixa de saída, representado parcialmente na Figura 4.

Figura 3 - Bioágua implementado pela Cáritas Diocesana de Caicó em comunidades rurais da Serra de Santana/RN



Fonte: Acervo dos autores (2024).

Figura 4 - Biodigestor implementado pela Cáritas Diocesana de Caicó em comunidades rurais da Serra de Santana/RN



Fonte: Acervo dos autores (2024).

A utilização dessas e outras tecnologias sociais são essenciais para viabilizar a efetivação da convivência com o Semiárido, ancorada com os princípios da agroecologia, de modo a viabilizar a efetivação da produção camponesa mesmo em períodos de estiagem, por meio do estoque hídrico e de manejos adequados de solo e de água. Tais iniciativas possuem notável potencial de transformação da realidade das comunidades rurais da região, dotando de protagonismo os sujeitos sociais do Semiárido, em particular as mulheres, como será discutido na sequência.

AS TECNOLOGIAS SOCIAIS AGROECOLÓGICAS NA SERRA DE SANTANA/RN

As comunidades rurais da Serra de Santana são detentoras de um bom número de tecnologias sociais associadas à convivência com o Semiárido, as quais corroboram para a melhoria de vida da população local, principalmente das mulheres pertencentes aos núcleos coletivos. Dentre as tecnologias sociais implementadas, em particular pela Cáritas Diocesana de Caicó, destacam-se o canteiro econômico, o bioágua e o biodigestor, as quais são tecnologias associadas à agroecologia. Durante os trabalhos de campo realizados, notaram-se as contribuições efetivas das tecnologias sociais supracitadas com os princípios que fortalecem a convivência com o Semiárido.

A Tabela 1 demonstra a quantidade das tecnologias distribuídas pela Cáritas Diocesana de Caicó a 10 grupos de mulheres da Serra de Santana, entre 2021 e 2024. A tecnologia social mais difundida no território era o canteiro econômico, com 27 unidades construídas, além de 6 bioáguas e 2 biodigestores. Com isso, destaca-se a quantidade total de tecnologias implementadas até o momento de coleta de dados, totalizando 35 tecnologias. Isso representa grande importância para a convivência com o Semiárido na Serra de Santana, proporcionando às mulheres melhores formas de conviver e produzir em seus territórios, ilustrando o papel dos grupos de mulheres na efetiva utilização dessas tecnologias.

Tabela 1 - Quantitativo de tecnologias sociais implementadas pela Cáritas Diocesana de Caicó na Serra de Santana, por grupo de mulheres (2021 a 2024)

Grupo/Tecnologia	Canteiro	Bioágua	Biodigestor	Total por grupo
Flores de Macambira	3	1		4
Florescer da Serra	2	1	1	4
Mãe Maria	3			3
Mulheres de Maria	3			3
Mulheres Renovadas	4	2	1	7
Flores de Xique-Xique	2			2
Flores do Campo	3			3
Mulheres Criativas	3	1		4
Mulheres Vitoriosas	2			2
Sabores e Delícias do Umarizeiro	2	1		3
Total de tecnologias	27	6	2	35

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

O canteiro econômico, amplamente difundido nas comunidades da Serra de Santana, abriga diversos cultivos orgânicos que contribuem para uma agricultura camponesa mais sustentável por meio de manejos adequados, mediante uso de biofertilizantes e “substratos formados por solo e resíduos orgânicos, visando aumentar o armazenamento e conseqüentemente a disponibilidade de água para o cultivo de hortaliças” (Silva *et al.*, 2020). Nesse cenário, Carmo (2018) destaca que essa tecnologia social agroecológica reduz significativamente a perda excessiva de água por evaporação por conta do seu sistema de irrigação adaptado às condições edafoclimáticas da região do Semiárido, como também promove a diversificação da produção agrícola familiar e melhoria da alimentação e da geração de renda (Rapozo, 2018).

Nesse aspecto, nota-se a contribuição do canteiro econômico na soberania alimentar das comunidades rurais visitadas, o entendendo enquanto o “direito de decidir seu próprio sistema alimentar e produtivo que preserve os hábitos alimentares, a cultura e suas tradições”, mantendo uma “produção saudável, nutritiva e diversificada que supra as necessidades das famílias, comunidades, povos do campo e da cidade” (Rapozo, 2018, p. 204). Nas comunidades rurais da Serra de Santana, observa-se que o canteiro econômico promove a soberania alimentar das famílias receptoras dessa tecnologia social e das comunidades no geral, uma vez que as camponesas produzem hortaliças, legumes, verduras e plantas medicinais que compõem as refeições diárias, além de que são comercializadas entre vizinhos e conhecidos, difundindo a prática de consumo de alimentos agroecológicos.

No relato das camponesas entrevistadas, é possível notar o cuidado na promoção de cultivos sem o uso de agrotóxicos ou fertilizantes, resgatando práticas milenares da cultura alimentar camponesa, de modo que os alimentos que vão para a mesa das famílias são cultivados pela própria família. Outro aspecto notório, demonstrado nas falas a seguir, são as práticas de manejo utilizadas pelas mulheres dos núcleos coletivos, onde as mesmas utilizam-se de saberes ancestrais para promover uma agricultura mais agroecológica e sustentável, fortalecendo aspectos da convivência com o Semiárido, como destaca Carmo (2018). Vejamos os relatos das mulheres:

A gente não faz planos de usar o veneno na nossa horta, porque não faz bem à nossa saúde. E se a gente for desenvolver algum tipo de inseticida, é caseiro, com pimenta com o que a gente já tem em casa para que as pragas não ataquem nossa plantação (Relato de uma das camponesas entrevistadas).

A gente quer ter uma comida na mesa saudável, sem agrotóxico, para levar comidas saudáveis para nossa gente (Relato de uma das camponesas entrevistadas).

Porque a nossa intenção é consumir coisas saudáveis, ne? Então não adiantaria (usar fertilizante químico) já basta o que a gente compra, que é cheio de veneno. Agora, graças a Deus, vamos ter produtos naturais colhidos por nós mesmos, plantados por nós mesmos (Relato de uma das camponesas entrevistadas).

Já o bioágua é uma tecnologia social que tem um impacto significativo na agricultura familiar camponesa, uma vez que seu sistema permite o aproveitamento das águas cinzas para irrigação de cultivos, frutíferas e plantas

forrageiras. Assim, esta iniciativa mostrou-se de grande importância nas comunidades rurais visitadas, uma vez que fornece a garantia de água que favorece a produção de frutíferas e a irrigação de outros cultivos. Santiago *et al.* (2013) apontam o bioágua como uma alternativa eficaz para a produção camponesa do Semiárido, através da reutilização de águas que normalmente seriam desperdiçadas.

Fernandes, Santos e Saraiva (2023, p. 14) explicam que o bioágua “é uma tecnologia social que trata as águas utilizadas nas pias e chuveiros das residências, tornando-a apropriada para irrigação de parte da produção familiar”. Essa prática se alinha à perspectiva da convivência com o Semiárido e busca aumentar a disponibilidade hídrica para as famílias camponesas, promovendo maior sustentabilidade nas atividades produtivas. Segundo Almeida (2024, p. 26), “o reuso do esgoto seja uma alternativa para irrigação e fertirrigação de culturas, além de suplementar os recursos de água doce disponíveis”. Trata-se, portanto, de uma prática que alia conhecimento tradicional e inovação tecnológica, viabilizando o fortalecimento da produção familiar.

Além de melhorar a qualidade da água utilizada na irrigação, o sistema bioágua também enriquece a água com nutrientes, tornando-a ainda mais benéfica para o solo e para as plantas (Melo; Silva; Lima, 2023). O reuso de águas cinzas, portanto, não somente assegura uma fonte adicional de irrigação, mas também representa uma estratégia de fertilização natural e econômica. Para as populações do campo que convivem diariamente com a irregularidade no abastecimento hídrico, conforme observado com frequência na Serra de Santana, o reuso da água integra as práticas cotidianas.

De acordo com relatos das camponesas entrevistadas, o processo de tratamento inicia-se com a condução da água cinza para uma caixa de gordura, cujo objetivo é armazenar os resíduos oleosos e sólidos provenientes dos produtos de higiene e limpeza. Em seguida, a água é submetida a um filtro de decantação, onde ocorre a degradação da matéria orgânica por microrganismos em um ambiente anaeróbico, como descrito por Câmara (2024). A água tratada é armazenada em um reservatório final, a fim de ser reutilizada na irrigação de espécies frutíferas e outras culturas, como destaca a agricultora:

[...] O bioágua e serve pra agoar capim, pé de laranja, coco, as bananeiras. Eu boto também só no tronco [...] que nem ali tem

pimentão, as pimentas plantadas, eu coloco também. Em toda planta, você coloca ele é muito bom. Acho que tem um adubo, que ele aumenta, sabe, o crescimento da planta (Relato de uma das camponesas entrevistadas).

Os depoimentos das famílias beneficiadas indicam uma melhoria na qualidade de vida e na produção agropecuária. A reutilização das águas tratadas possibilitou a manutenção de cultivos voltados à alimentação animal, otimizando o uso dos recursos disponíveis e contribuindo para a autonomia dos agricultores familiares. Dessa forma, com base nas observações e relatos de campo, torna-se evidente a relevância do sistema bioágua como um instrumento para a transição agroecológica. Além de minimizar os efeitos da escassez hídrica, essa tecnologia social favorece a segurança alimentar e nutricional, incentiva o uso racional da água e aumenta a diversidade produtiva das propriedades rurais, reafirmando sua relevância no contexto do Semiárido.

Já as contribuições do biodigestor no fortalecimento da convivência com o Semiárido estão atreladas a conservação dos recursos naturais, uma vez que a sua utilização infere na conservação do bioma Caatinga, pois se utiliza de dejetos de animais para a produção de biogás, como destacam Silva e Correia (2020). Ademais, de acordo com as mulheres entrevistadas, essa tecnologia social trata a matéria orgânica através de decomposição, produzindo adubos orgânicos, de modo a contribuir para uma produção agrícola mais sustentável através da não utilização de insumos químicos.

Por meio do biodigestor, as famílias conseguem economizar o dinheiro que seria utilizado com o botijão de gás, favorecendo o cenário econômico das famílias. Além disso, o biodigestor pode ser entendido como uma tecnologia social que contribui com a transição agroecológica, diante da utilização do biofertilizante na produção agrícola, dispensando a utilização de fertilizantes químicos. Assim, esse fertilizante natural passa a ser utilizado nos quintais produtivos, já que esse insumo “[...] se trata de um fertilizante de qualidade, que pode ser usado no solo antes da semeadura para incorporar a produção agrícola das comunidades (Loureiro *et al.*, 2023, p. 03).

Ademais, o biodigestor se mostra como uma alternativa positiva para as famílias beneficiadas pela tecnologia, já que com a redução da utilização do gás de cozinha, o dinheiro que é economizado pode ser aplicado em outros gastos das famílias, auxiliando em uma melhora de renda, contribuindo também com a

produção agrícola diante da utilização do biofertilizante. Com isso, observa-se que essa é uma tecnologia importante para a convivência com o Semiárido, já que proporciona melhores condições de vida para as famílias e contribui com o manejo sustentável dos recursos (Silva, 2023).

A partir dos relatos trazidos pelas mulheres, é possível mensurar a importância do biodigestor para a renda das mesmas:

O biodigestor é uma tecnologia muito boa que veio pras famílias. Depois que eu comecei a usar, eu nunca mais comprei bujão e é só manter ele. Nunca mais faltou gás na minha casa. É muito bom mesmo. Se todo mundo pudesse possuir um, seria bem melhor. O dinheiro que eu comprava bujão hoje já serve pra outra coisa, né? (Relato de uma das camponesas entrevistadas).

Que aumente mais, né? Venha mais pra comunidade, porque é muito bom. E a gente tem pena, né? Assim, quem usa muito o gás, que é caro um botijão de gás, pra quem utiliza direto (Relato de uma das camponesas entrevistadas).

Ainda nesse viés, que também dialoga com as práticas agroecológicas de preservação do meio ambiente, o biodigestor promove a diminuição da utilização do carvão e da lenha, cujo uso é recorrente na Serra de Santana em fogões a lenha, por ser uma opção que não se utiliza do uso do gás. Entretanto, essa opção degrada e afeta o bioma Caatinga, e por isso, o biodigestor se torna importante para a redução dessa exploração de carvão e lenha, como destacam Silva e Correia (2020). A perspectiva das mulheres entrevistadas é que haja uma maior disseminação de biodigestores na região.

Através da difusão dessas e outras tecnologias sociais, nota-se um fortalecimento do trabalho e do protagonismo das mulheres camponesas da Serra de Santana. Assim, considerando os relatos e as explicações anteriores, percebemos que a efetivação dessas tecnologias é a garantia de uma melhor convivência com o Semiárido para as mulheres e suas famílias, favorecendo sua renda e segurança alimentar através da produção de alimentos saudáveis sem o uso de defensivos e fertilizantes químicos.

Apesar dos desafios estruturais impostos às comunidades visitadas, como a persistência da insegurança hídrica, a limitação de crédito rural e a dificuldade de acessar os mercados, é notável que as tecnologias sociais apresentadas corroboram com a promoção da transição agroecológica, da economia solidária e do protagonismo feminino entre os grupos de mulheres, contribuindo, dessa

forma, para o fortalecimento da convivência com o Semiárido. Todavia, ainda é necessário universalizar o acesso às tecnologias sociais para todas as famílias, bem como incidir politicamente na mitigação e/ou superação dos desafios estruturais, os quais limitam um pleno bem-viver⁴ na região, com garantia de direitos e distintas possibilidades de reprodução social.

Isso ocorre porque as tecnologias sociais analisadas, além de outras difundidas no Semiárido, não operam isoladamente, uma vez que estão inseridas em um amplo campo de disputas e desafios que condicionam sua efetividade e sustentabilidade a longo prazo, a exemplo de desmontes de políticas públicas e crises institucionais (Cavalcante e Sousa, 2023), do agravamento das mudanças climáticas (Amorim, 2023) e da dependência da atuação de organizações sociais (Santos, 2016), dentre outros fatores. Apesar desses desafios, as comunidades camponesas do Semiárido possuem práticas seculares e ancestrais de convivência com as adversidades ambientais, sociais e políticas da região, resultando em distintas estratégias de resiliência e resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos obtidos por meio das rodas de conversa e das entrevistas realizadas em comunidades rurais da Serra de Santana, percebeu-se que as camponesas beneficiadas com as tecnologias sociais agroecológicas de uso individual e coletivo demonstram satisfação com a utilização das inovações e com as contribuições proporcionadas pelas mesmas. Tais ferramentas fortalecem princípios da convivência com o Semiárido, como a promoção de uma alimentação mais saudável, a soberania e segurança alimentar, o maior acesso à água e a garantia de uma renda complementar, por meio de práticas alicerçadas na economia solidária e na transição agroecológica.

Nesse sentido, foi possível evidenciar as potencialidades das tecnologias sociais agroecológicas - biodigestor, bioágua e canteiro econômico - no fortalecimento da convivência com o Semiárido. Os resultados demonstram que as tecnologias sociais agroecológicas corroboram com a segurança hídrica e alimentar das comunidades rurais da Serra de Santana, como também promovem

⁴ O bem-viver (Acosta, 2016), no sentido da convivência com o Semiárido, está associado a uma relação holística com o meio (Malvezzi, 2007), através de práticas comunitárias ancoradas na reprodução social e na conservação dos bens naturais.

o uso racional dos recursos naturais, a conservação ambiental e a melhoria na autonomia financeira das mulheres por meio da geração de renda e das práticas de economia solidária.

Além disso, destaca-se que as tecnologias sociais supracitadas apresentam impactos diretos na sustentabilidade socioambiental das comunidades e na resiliência das famílias frente às adversidades climáticas do Semiárido. Essas tecnologias, articuladas aos saberes tradicionais das mulheres camponesas, não somente garantem melhores condições de vida, como também reafirmam o papel protagonista dessas mulheres na consolidação da convivência com o Semiárido, reforçando o vínculo entre justiça social, agroecologia e preservação ambiental.

Dessa forma, conclui-se que as tecnologias sociais agroecológicas apresentadas neste trabalho constituem instrumentos fundamentais para a construção de uma convivência digna, sustentável e autônoma no Semiárido, reafirmando a importância de políticas públicas voltadas à ampliação e ao fortalecimento dessas experiências nas comunidades rurais da região, bem como o importante trabalho realizado por organizações da sociedade civil, a exemplo da Cáritas Diocesana de Caicó.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

ALMEIDA, A. B. B. **O reuso de águas cinzas na agricultura familiar: benefícios, desafios e perspectivas no semiárido nordestino**. 2024. 81f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/79822>. Acesso em: 15 jun. 2024.

AMORIM, L. O. “**É no semiárido que a vida pulsa, é no semiárido que o povo (re)existe**”: atores, conhecimento e políticas. 2023. 184f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/256298>. Acesso em: 24 mar. 2026.

ASA (Articulação do Semi-Árido Brasileiro). **Programa de Formação e Mobilização Social Para a Convivência com o Semi-Árido**. Recife: ASA, 2001.

CÁRITAS DIOCESANA DE CAICÓ. **A Cáritas**. Disponível em: <https://caritascaico.org.br/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

BAPTISTA, N. Q.; CAMPOS, C. H. A convivência com o Semiárido e suas potencialidades In: CONTI, I. L.; SCHROEDER, E. O. (Org.). **Convivência com o Semiárido brasileiro**: autonomia e protagonismo social. Brasília: Editora IABS, 2013. p. 51-58. Disponível em:

https://editora.iabs.org.br/site/wp-content/uploads/2018/01/convivencia-semiarido-brasileiro_vol2.pdf. Acesso em: 2 maio. 2024.

BAPTISTA, N. Q.; PIRES, A.; BARBOSA, A. G. Convivência com o Semiárido. In: DIAS, A. P.; STAUFFER, A. B.; MOURA, L. H. G.; VARGAS, M. C. (Org.). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. São Paulo: Expressão Popular. p. 265-271. 2021. Disponível em:

https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/dicionario_agroecologia_nov.pdf. Acesso em: 17 jan. 2025.

CÂMARA, Projeto Dom Helder. Entenda como o sistema bioágua reutiliza até 500 litros de água por dia. **No Clima da Caatinga**, 2024. Disponível em:

<https://www.noclimadacaatinga.org.br/entenda-como-o-sistema-bioagua-reutiliza-ate-500-litros-de-agua-por-dia/>. Acesso em: 30 maio. 2025.

CARMO, É. R. Tecnologias sociais como opção agroecológica para garantir a soberania alimentar e nutricional no Semiárido. **Cadernos de Agroecologia**, Recife, v. 13, n. 1, p. 1-6, 2018. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/566>. Acesso em: 30 maio. 2025.

CAVALCANTE, L. V. Por um ensino-aprendizagem de Geografia no/do Semiárido. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 60, p. 277-303, 2024. DOI:

https://doi.org/10.62516/terra_livre.2023.3179. Acesso em: 19 jan. 2025.

CAVALCANTE, L. V.; SOUSA, J. A. O desmonte das políticas públicas de convivência com o Semiárido pelo governo Bolsonaro. **Terra Livre**, São Paulo, v. 2, p. 464-505, 2023. DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2022.2891. Acesso em: 30 maio. 2025.

CONTI, I. L.; SCHROEDER, E. O. **Convivência com o semiárido brasileiro**: autonomia e protagonismo social. Brasília: Editora IABS, 2013.

Disponível em: https://editora.iabs.org.br/site/wp-content/uploads/2018/01/convivencia-semiarido-brasileiro_vol2.pdf. Acesso em: 30 maio. 2024.

CONTI, I. L.; PONTEL, E. Transição paradigmática na convivência com o Semiárido. In: CONTI, I. L.; SCHROEDER, E. O. (Org.). **Convivência com o semiárido brasileiro**: autonomia e protagonismo social. Brasília: Editora IABS, p. 21-30, 2013. Disponível em: https://editora.iabs.org.br/site/wp-content/uploads/2018/01/convivencia-semiarido-brasileiro_vol2.pdf. Acesso em: 10 jan. 2025.

COSTABEBER, J. A.; MOYANO, E. Transição agroecológica e ação social coletiva. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 4, p. 50-60, 2000. Disponível em:

http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano1_n4/revista_agroecologia_a_ano1_num4_parte06_artigo.pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.

DUQUE, G. “Conviver com a seca”: contribuição da Articulação do Semi-Árido/ASA para o desenvolvimento sustentável. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 17, p-133-140, 2008. DOI: <https://doi.org/10.5380/dma.v17i0.13417>. Acesso em: 26 fev. 2025.

FERNANDES, L. E. S.; SANTOS, M. N. F.; SARAIVA, M. C. (Org.). **Cartilha tecnologia social: reúso de águas cinzas**. Fortaleza, Ceará: CETRA, 2023.

GOMES, E. B. M. **Ser-tão mulher**: encontros, narrativas e convivência com o Semiárido. 2018. 217f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) - Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2018. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/9186>. Acesso em: 3 jan. 2025.

HAACK, S. C.; OLIVEIRA, G. G. Análise de viabilidade econômica e financeira de projetos sustentáveis no setor energético: estudo de caso para implantação de biodigestores no semiárido baiano. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 44, p. 363–382, 2016. DOI: <https://doi.org/10.61673/ren.2013.36>. Acesso em: 19 jan. 2025.

HENIG, E. V. Convivência com o semiárido e o uso das tecnologias sociais agroecológicas no sertão nordestino. **InSURgência: Revista de Direitos e Movimentos Sociais**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 168-196, 2019. DOI: <https://doi.org/10.26512/insurgencia.v5i1.28891>. Acesso em: 16 fev. 2025.

HENIG, E. V.; SANTOS, I. A.; MENDES, J. M. Nova vida no sertão: a contribuição das tecnologias sociais agroecológicas para a convivência com o Semiárido. **RP3-Revista de Pesquisa em Políticas Públicas**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2019. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNB-38_731d7fcc77135ea523e9ede135ab423c. Acesso em: 25 fev. 2025.

KESARI, K. K.; SONI, R.; JAMAL, Q.; TRIPATHI, P.; LAL, J.; JHA, N. K.; SIDDIQUI, M. H.; KUMAR, P.; TRIPATHI, V.; RUOKOLAINEN, J. Tratamento e reúso de águas residuais: uma revisão de suas aplicações e implicações para a saúde. **Água, Ar, Solo, Poluição**, Austria, v. 232, n. 208, p. 1-18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11270-021-05154-8>. Acesso em: 25 fev. 2025.

LOUREIRO, N. A.; OLIVEIRA, N. F.; SOARES, P. G. M.; SILVA, H. C. D.; RUFINO, S. O uso de biodigestores no Semiárido Potiguar: a experiência do ESF-Natal. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, XVIII, **Anais [...]**, Belo Horizonte: ENEDS, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://anais.eneds.org.br/index.php/eneds/issue/view/19>. Acesso em: 12 fev. 2025.

MALVEZZI, R. **Semi-árido**: uma visão holística. Brasília: CONFEA, 2007.

MÉLLO, R. P.; SILVA, A. A.; LIMA, M. L. C.; PAOLO, A. F. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 19, p. 26-32, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300005>. Acesso em: 12 fev. 2025.

MELO, R. F.; SILVA, P. T. S.; LIMA, J. R. F. **Bioágua familiar**: reuso de águas cinzas para produção de alimentos. Embrapa Semiárido: Petrolina, 2023. Disponível em: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/1156018>. Acesso em: 1 fev. 2025.

MINAYO, M. C. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, p. 61-78, 2010.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>. Acesso em: 11 jan. 2025.

OLIVEIRA FILHO, F. S.; CASSIMIRO, C. A. L.; SILVA, R. T.; SILVA, E. A.; SIQUEIRA, E. C. Produção de hortaliças com o uso eficiente de água em propriedades rurais do sítio Barrocas, Sousa-PB. **Revista Práxis: Saberes da Extensão**, João Pessoa, v. 6, n. 13, p. 68-76, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/praxis/article/view/2337/966>. Acesso em: 14 abr. 2025.

PEREIRA, R.; SILVA, E. G.; OLIVEIRA, L. C.; MOREIRA, M. L. S. Biodigestor como incremento da renda familiar: o caso do Assentamento Alegre – Quixeramobim/CE. **Cadernos de Agroecologia**, Recife, v. 9, n. 4, p. 1-6, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/32897>. Acesso em: 13 abr. 2025.

RAPOZO, B. M. S. Quintais agroecológicas e soberania alimentar na agricultura camponesa do sertão do Pajeú, Pernambuco. **Revista Política e Planejamento Regional**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 194-215, 2018. Disponível em: <http://www.revistappr.com.br/artigos/publicados/Quintais-agroecologicos-e-soberania-alimentar-na-agricultura-camponesa-no-Sertao-do-Pajeu-Pernambuco.pdf>. Acesso em: 5 maio. 2025.

SANTIAGO, F. S.; JALFIM, F. T.; BLACKBURN, R. M.; NANES, M. B. **Bioágua familiar**: reúso de água cinza para produção de alimentos no Semiárido. Recife: Projeto Dom Helder Câmara, 2013. Disponível em: <https://bibliotecasemiarios.ufv.br/jspui/handle/123456789/3361>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SANTOS, C. F. **Diagnóstico da agricultura familiar no município de Janduís/RN**: perspectiva social, econômica e ambiental. 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente, Tecnologia e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró, 2013. Disponível em: <https://ppgats.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/47/2014/09/SANTOS-C.F.-Diagnóstico-da-Agricultura-Familiar.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2025.

- SANTOS, T. A. **Articulação no semiárido brasileiro (ASA Brasil): a convivência com o semiárido e a construção de um regionalismo de resistência.** 2016. 232f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. <https://doi.org/10.11606/T.8.2016.tde-20072016-185024>. Acesso em: 24 mar. 26.
- SILVA, D. V.; TORRES, J. B.; DIAS, N. S.; LIMA, A. O. Agroecologia e convivência com o Semiárido Brasileiro: uma análise preliminar. **Diversitas Journal**, Santana do Ipanema, v. 3, n. 1, p. 76-84, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v3i1.547> Acesso em: 12 jun. 2025.
- SILVA, J. E.; CORREIA, L. A. Biodigestor sertanejo como alternativa para a conservação do semiárido potiguar. **Holos**, Natal, v. 6, p. 1-11, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2020.10125>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- SILVA, R. M. A. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922003000100017>. Acesso em: 13 abr. 2025.
- SILVA, R. M. A. **Entre o combate à seca e a convivência com o Semi-árido:** transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. 2006. 298f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/handle/123456789/167> Acesso em: 12 jun. 2025.
- SILVA, R. M. A. Território das secas e da convivência: trajetórias socioeconômicas e políticas da resistência sertaneja no semiárido brasileiro. In: GIONGO, Vanderlise; ANGELOTTI, Francislene (Org.). **Agricultura de baixa emissão de carbono em regiões semiáridas:** experiência brasileira. Brasília: Embrapa, 2022, p. 25-48. Disponível em: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/1150080>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- SILVA, V. R.; PEREIRA, M. C. B. Das colonialidades à emergência de um novo paradigma no semiárido brasileiro desde as racionalidades camponesas: um caminhar para além do desenvolvimento. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 55, p. 358-380, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5380/dma.v55i0.73408>. Acesso em: 13 abr. 2025.
- VENTURA, A. C.; FERNÁNDEZ, L.; ANDRADE, J. C. S. Tecnologias sociais para enfrentamento às mudanças climáticas no semiárido: caracterização e contribuições. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 44, p. 213-238, 2013. DOI: <https://doi.org/10.61673/REN.2013.29>. Acesso em: 13 abr. 2025.

Recebido em 15 de julho de 2025
Aceito em 26 de março de 2026

Financiamento: Os autores declaram que o presente trabalho foi realizado com apoio de financiamento e bolsa de extensão da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PROEX-UFRN), Brasil.

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há potencial conflito de interesses na pesquisa e elaboração deste manuscrito.

Disponibilidade de dados: Os dados utilizados estão integralmente apresentados ou descritos no próprio manuscrito.

Editores responsáveis:

Bruna da Rocha 

Murilo Henrique Rodrigues de Oliveira 

Contribuições das autorias:

Maria Flávia Dantas da Cruz: Concepção; Curadoria de Dados; Investigação; Metodologia; Redação.

Leandro Vieira Cavalcante: Concepção; Curadoria de Dados; Aquisição de Financiamento; Investigação; Metodologia; Redação.

Anelisse da Silva Pinheiro: Concepção; Curadoria de Dados; Investigação; Metodologia; Redação.

Emily Kadidja de Medeiros: Concepção; Curadoria de Dados; Investigação; Metodologia; Redação.